

LÍNGUA PORTUGUESA/LITERATURA

TEXTO I

MAIS UMA VEZ O MUNDO SE CURVA...

Uma pesquisa sobre ajuda ao próximo em diferentes cidades do mundo dá o título de campeão ao Rio de Janeiro

Roberto Pompeu de Toledo

O leitor está cansado de más notícias? Quer uma boa? Lá vai: somos gentis. Os brasileiros, ou, pelo menos, entre os brasileiros, aqueles que nasceram ou vivem na cidade do Rio de Janeiro, podem se vangloriar de ostentar, com chancela acadêmica, o título de campeões mundiais de gentileza. Um estudo de pesquisadores americanos sobre o comportamento das pessoas na rua, em face de alguém precisando de ajuda, em 23 cidades de 23 países diferentes, deu Rio de Janeiro na cabeça. O estudo, levado a cabo por Robert V. Levine e Karen Philbrick, ambos da Universidade Estadual da Califórnia, e Ara Norenzayan, da Universidade de Michigan, e cujo resultado já havia sido adiantado em nota da seção Internacional desta revista (edição de 23/5/2001), foi engenhoso e minucioso.

O que se testou, em experiências realizadas entre 1992 e 1997, foi o comportamento dos transeuntes diante de três situações: um cego que tenta atravessar a rua; alguém com um problema na perna, mancando fortemente, que deixa cair uma pilha de revistas e não consegue levantá-la; e alguém que inadvertidamente deixa cair uma caneta do bolso. Tais situações foram encenadas com alto grau de verossimilhança pelos voluntários encarregados do trabalho de campo. Para fazer o papel do cego, por exemplo, com bengala e óculos escuros, receberam treinamento de um centro especializado em ajuda aos deficientes visuais. Tinham de parar numa esquina e esperar que alguém os ajudasse. No teste da queda da caneta, o voluntário era instruído para caminhar a um passo moderado, em direção a um pedestre solitário que viesse em sentido contrário. Quando a uma distância de 4 ou 5 metros, e seguro de que o outro não poderia deixar de notá-lo, mexeria no bolso, deixaria cair a caneta e continuaria em frente.

Os cariocas passaram brilhantemente pelo triplo teste. Em 93% dos casos, tiveram reação positiva: ajudaram o cego a atravessar a rua, o homem com problema na perna a recolher as revistas, e alertaram o que tinha perdido a caneta do ocorrido. Em último lugar ficou Kuala Lumpur, capital da Malásia, com apenas 40% de reações positivas. Nova York fez jus à fama de abrigar gente impaciente e mal-educada, e ficou em penúltimo lugar, com 45%. Roma foi melhor, mas também não se mostrou grande coisa: 63% de reações positivas, e um medíocre 16º lugar entre as 23 cidades. A vice-campeã da gentileza, logo abaixo do Rio de Janeiro, foi San José da Costa Rica, com 91%, seguida de Lilongüe (86%) e Calcutá, na Índia (83%).

Se o leitor está sentindo um cheiro de Terceiro Mundo no ar, quer dizer, desconfia que gentileza é coisa de país pobre, não deixa de ter razão. Esta é uma das conclusões da pesquisa. Mas ela se enfraquece quando se tem em conta o pelotão que vem logo a seguir, depois das quatro primeiras colocadas: Viena, com 81% de reações positivas, Madri, com 79%, e Copenhague, com 78%. Todas capitais de países desenvolvidos. (...) Em todo caso, há uma maior concentração de cidades de países pobres nas primeiras posições, e uma maior concentração de ricos nas últimas, o que permite enunciar a lei seguinte, na verdade já suspeitada pelo senso comum: a gentileza caminha em proporção inversa à prosperidade.

Já se adivinha, da parte de quem lê estas linhas, um muxoxo de descrença. Que diabo de boa notícia é essa, se apenas veio confirmar que somos pobres e, como tais, gentis? Um mais desabusado acrescentaria: "Quero ver se a pesquisa fosse não com uma caneta, mas com uma nota de 100 dólares caindo do bolso..." Mas já não bastam a corrupção, o escândalo no Senado e a crise de energia? Querem incluir também esta no rol das notícias ruins? Tenhamos em conta que estavam representadas na mostra cidades de países bem mais pobres que, se houvesse para valer uma lei do quanto-mais-pobre-mais-gentil, ganhariam do Rio – e não ganharam. Festejemos. Brasileiro gosta de ser gentil e simpático. E prestativo, como talvez seja mais o caso, na pesquisa em questão. Que mal há nisso? Se além dos assaltos, da violência, da sujeira e da bagunça nas ruas ainda fosse carrancudo e mal-educado, seria pior.

(Veja, 30 de maio, 2001)

01. Esse é um texto de 2001, mas guarda certa atualidade.

A leitura atenta do primeiro parágrafo permite-nos afirmar que, segundo o autor:

- (A) é habitual a imprensa passar ao leitor boas notícias, quando ele está cansado do noticiário negativo;
- (B) o Rio foi uma das cidades mais bem colocadas na pesquisa de solidariedade realizada por americanos;
- (C) o Rio de Janeiro foi a única cidade brasileira incluída na pesquisa dos americanos;
- (D) Robert V. Levine e Karen Philbrick não participaram do estágio inicial da pesquisa;
- (E) pesquisas anteriores, de Ara Norenzayan, da Universidade de Michigan, já indicavam o resultado final a que se chegou na pesquisa.

02. Identifique a única opção em que não se grifa palavra da classe dos pronomes:

- (A) "Os brasileiros, ou, pelo menos, entre os brasileiros, **aqueles** que nasceram ou vivem na cidade..."
- (B) "Um estudo de pesquisadores americanos sobre o comportamento das pessoas na rua, em face de **alguém** precisando de ajuda..."
- (C) "Tinham de parar numa esquina e esperar que alguém **os** ajudasse."
- (D) "..., e seguro de que o **outro** não poderia deixar de notá-lo, mexeria no bolso..."
- (E) "Um **mais** desabusado acrescentaria: "Quero ver se a pesquisa fosse não com uma caneta..."

03. Entende-se, da leitura do último parágrafo, que o autor do texto:

- (A) acaba por desvalorizar a sua própria notícia, acrescentando-a a uma série de notícias negativas;
- (B) nivela a notícia dada a outras que envolvem problemas de assaltos, violência, sujeira e bagunça;
- (C) endossa a tese de que há uma "lei" que determina que, quanto mais pobre é o país, mais gentil é o seu povo;
- (D) considera que, apesar de todos os problemas que a cidade apresenta, os cariocas devem festejar o resultado da eleição;
- (E) acha que foi vantajoso para nós que a pesquisa tenha sido feita envolvendo uma caneta, e não uma nota de 100 dólares.

04. Há certos vocábulos que, num texto, revelam uma opinião do autor sobre o conteúdo veiculado. Assinale a alternativa abaixo em que se grifam, nos dois trechos transcritos, palavras desse tipo:

- (A) "Quer uma boa? Lá vai: somos **gentis**." / "...deu Rio de Janeiro **na cabeça**."
 (B) "...com um problema na perna, mancando **fortemente**..." / "Tais situações foram encenadas com **alto** grau de verossimilhança..."
 (C) "Os cariocas passaram **brilhantemente** pelo triplo teste." / "Em último lugar ficou Kuala Lumpur, capital da Malásia, com **apenas** 40% de reações positivas."
 (D) "Nova York fez jus à fama de abrigar gente **impaciente e mal-educada**..." / "Viena, com 81% de reações **positivas**..."
 (E) "63% de reações positivas, e um **mediocre** 16º lugar entre as 23 cidades." / "...estavam representadas na mostra cidades de países bem mais **pobres**..."

TEXTO II

COMUNICAÇÃO

"É importante saber o nome das coisas. Ou, pelo menos, saber comunicar o que você quer. Imagine-se entrando numa loja para comprar um... um... como é mesmo o nome?"

'Posso ajudá-lo, cavalheiro?'

'Pode. Eu quero um daqueles, daqueles...'

'Pois não?'

'Um... como é mesmo o nome?'

'Sim?'

'Pomba! Um... um... Que cabeça a minha! A palavra me escapou por completo. É uma coisa simples, conhecidíssima.'

'Sim, senhor.'

'O senhor vai dar risada quando souber.'

'Sim senhor.'

[...]"

(VERÍSSIMO, Luis Fernando. Zoeira. Porto Alegre: L&PM, 1987.)

05. Sobre o título do texto, pode-se afirmar que:

- (A) é incoerente; (D) expressa a realidade;
 (B) é irônico; (E) é conotativo.
 (C) é apelativo;

06. A presença, no texto, de palavras ou expressões que marcam a testagem da comunicação ("Um...um...", "Sim?") caracterizam a função de linguagem:

- (A) referencial; (D) conativa;
 (B) metalingüística; (E) emotiva.
 (C) fática;

07. "**Que** cabeça a minha!"

A palavra em destaque na frase acima deve ser classificada, morfológicamente, como:

- (A) pronome exclamativo; (D) adjetivo;
 (B) pronome indefinido; (E) preposição.
 (C) advérbio de intensidade;

TEXTO III

CORTESIA DA CASA DO AZEITE DE PORTUGAL E DO CONTEXTO PROPAGANDA-SÃO PAULO / FOTÓGRAFO DO PRATO: PAULO BRAGACROMO DO AZEITE; METSTOCK MULTIMÉDIA



Valorize suas receitas.
Capriche no português.

Para deixar suas receitas muito mais gostosas, o segredo é simples: adicione a pureza e a tradição do azeite português. De saber incomparável, o azeite de oliva extra de Portugal conquista o Brasil muito antes que as portuguesas cruzarem o oceano e planejem já promover nos seus mercados. Agora, chegou a sua vez de descobrir todos os encantos desse sabor português.

Vip Exame. n. 2. ed. 178. Ano 19. Fev. 2000.

08. O texto publicitário acima – relativo a uma marca de azeite –, constrói-se a partir do uso conotativo da linguagem, gerando duplo sentido. A figura de linguagem presente na frase "Capriche no Português" é:

- (A) metáfora; (D) pleonasma;
 (B) comparação; (E) eufemismo.
 (C) metonímia;

TEXTO IV

ATÉ O FIM

"Quando nasci veio um anjo safado
 O chato dum querubim
 E decretou que eu tava predestinado
 A ser errado assim
 Já de saída a minha estrada entortou
 Mas vou até o fim."

(Chico Buarque de Hollanda)

TEXTO V

"Quando nasci, um anjo torto
 desses que vivem na sombra
 disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida."

(Carlos Drummond de Andrade, "Poema das Sete Faces", fragmento)

09. Os dois poemas (texto IV e V) estabelecem uma intertextualidade. O "anjo" é um elemento comum aos dois textos. Em ambos, ele é tratado de forma:

- (A) tradicional;
 (B) religiosa;
 (C) afetiva;
 (D) agressiva;
 (E) anticonvencional.

10. Os dois textos apresentam o mesmo tema. Esse é:

- (A) a anunciação do anjo torto;
- (B) o sentimento de marginalidade do sujeito poético diante do mundo;
- (C) o nascimento do sujeito poético;
- (D) a abordagem irônica do anjo;
- (E) a revolta do sujeito poético por seu destino.

Texto VI

LAMENTO DO OFICIAL POR SEU CAVALO MORTO

Nós merecemos a morte,
porque somos humanos e a guerra é feita pelas nossas mãos,
pela nossa cabeça embrulhada em séculos de sombra,
por nosso sangue estranho e instável, pelas ordens
que trazemos por dentro, e ficamos sem explicação.

Criamos o fogo, a velocidade, a nova alquimia,
os cálculos do gesto,
embora sabendo que somos irmãos.
Temos até os átomos por cúmplices, e que pecados
de ciência, pelo mar, pelas nuvens, nos astros!
Que delírio sem Deus, nossa imaginação!

E aqui morreste! Oh, tua morte é a minha, que, enganada,
recebes. Não te queixas. Não pensas. Não sabes. Indigno,
ver parar, pelo meu, teu inofensivo coração.
Animal encantado – melhor que nós todos!
– que tinhas tu com este mundo
dos homens?

Aprendias a vida, plácida e pura, e entrelaçada
em carne e sonho, que os teus olhos decifravam...
Rei das planícies verdes, com rios trêmulos de relinchos...
Como vieste morrer por um que mata seus irmãos!

(Cecília Meireles)

11. Como o título o revela, o poema traduz as considerações de um soldado diante da morte, na guerra, do seu cavalo.

Assinale a alternativa que registra elemento não presente no texto:

- (A) Crítica a elementos do progresso científico que contribuem para a destruição do homem pelo homem.
- (B) Afirmção da irmandade entre os homens como um sentimento jamais esquecido por eles.
- (C) Comparação entre a inocência do animal e a irresponsabilidade do ser humano.
- (D) Indignação diante do injustificável sacrifício do animal em função de atitudes belicosas do homem.
- (E) Apresentação da guerra como uma construção negativa do homem, que deveria ser punido por isso.

12. Sabemos que os pronomes podem se apresentar, entre outros, como pessoais, demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos. Assinale a opção onde não se coloca em destaque um pronome:

- (A) "porque somos humanos e a guerra é feita pelas **nossas** mãos"
- (B) "Animal encantado – melhor que nós **todos**!"
- (C) "**que** tinhas tu com este mundo / dos homens?"
- (D) "– que tinhas tu com **este** mundo / dos homens?"
- (E) "**Como** vieste morrer por um que mata seus irmãos!"

13. O texto atribui ao sangue dos homens os adjetivos **estranho** e **instável** e a vida do animal é considerada plácida e pura.

Sabemos que os vocábulos chamados sinônimos são os que apresentam significado bem próximo, não necessariamente o mesmo.

A opção que, pela ordem, apresenta adjetivos semanticamente equivalentes a estes quatro é:

- (A) extraordinário – mutável – alegre – intocável;
- (B) esquisito – variável – branda – imaculada;
- (C) misterioso – desequilibrado – suave – ajustada;
- (D) excêntrico – nebuloso – tranqüila – contemplativa;
- (E) desconhecido – titubeante – adequada – imune.

14. "Como vieste morrer por **um** que mata seus irmãos!"

A palavra em destaque, morfologicamente, é a mesma que encontramos em:

- (A) **Um** é pouco, dois é bom, três é demais...
- (B) **Um** disse a verdade, o outro preferiu calar-se.
- (C) Era uma vez **um** imperador arbitrário...
- (D) Traga-me, por favor, **um** novo prato.
- (E) A vida inteira, ela só teve **um** namorado.

15. "Nós merecemos a morte, **porque** somos humanos e a guerra é feita pelas nossas mãos"

A forma de grafar a palavra destacada acima se justifica por se tratar de uma conjunção. A propósito, marque a alternativa onde está incorreta a grafia do vocábulo assinalado:

- (A) **Por que** esquecemos que, sendo humanos, não deveríamos fazer a guerra?
- (B) Todos se perguntam **porque** o homem faz a guerra aos seus semelhantes.
- (C) Nós merecemos a morte. **Por qué**? Ora, porque fazemos a guerra...
- (D) É preciso mesmo perguntarmo-nos sobre o **porquê** de fazermos a guerra.
- (E) Tudo isso acontece **porque**, estranhamente, o homem guerreia seu semelhante.